

O INCONFORMISMO

Pelos discursos do Ministro da Economia, por alguns relatórios publicados pelas repartições competentes e ainda por estudos de certos homens de saber, Portugal vai tomando consciência de si mesmo, das suas possibilidades e do seu próprio futuro.

Tendo-nos lançado, em séculos passados, à descoberta do mundo, esquecemo-nos de nós mesmos. Demos mundos novos ao mundo, lançamos no progresso e na vida regiões enormes em todos os continentes. Mas o nosso esforço, por demasiado grande, esgotou-nos. Recolhemo-nos sobre nós mesmos, na nostalgia da aventura que findara já, por não haver mais mundos a descobrir nem a povoar, e vingamo-nos na contemplação do que fomos, sem cuidar do que seríamos. O nosso futuro estaria apenas no Brasil e nas colónias africanas. Pobre nesga de terra no extremo ocidental da Europa, tão longe dela que dela quase esquecida, restava-nos o poético e nostálgico conforto de misturar o amargo pão de cada dia com o perfume inebriante deste jardim florido à beira-mar plantado.

E assim nasceram os «romancistas da miséria», que declinam os sons dolentes das suas harpas, em uníssono afinal com os «economistas da pobreza» nacional. O tradicional desnível da nossa vida chegava a ser cantado como se virtude fosse, essa virtude de modéstia e morigeração dos nossos brandíssimos costumes. O povo português sabia viver a sua vida simples de labor, sem ambições nem revoltas, agarrado às pedras que o seu suor transformava em pão. Bendito povo, o povo português!

Mas enquanto o mundo progredia, do Terreiro do Paço e de todos os terreiros políticos da Nação só saía uma resposta ao inconformismo de alguns: «nós somos um país agrícola, de solo pobre, de clima irregular, de subsolo desprovido; conformemo-nos com a nossa insuficiência, habituemo-nos a vivê-la assim como ela é, para cabermos todos na nossa mediania. A população, em aumento de 80 a 100 mil em cada ano, eis o grande pesadelo, porque não podemos saber como tão pouca abundância virá a dar um dia para tanta gente».

Mas os inconformistas teimaram. Lutaram, estudaram, e o País começou de arfar para a vida. E' agora do Terreiro do Paço que se lança o grito do inconformismo. E nós antevemos lá o preguiçoso Tejo desentranhar-se em energia abundante e barata, sulcado por mil navios e barcaças com as suas velas impantes ao vento ou os seus negros rolos de fumo a tingir o céu. E o Douro tumultuoso e barrento escoar milhares de toneladas de carvão e de ferro, alimentar com a sua própria energia os altos fornos, a indústria metalúrgica, os motores agrícolas e as fábricas do Norte. E caminhos de ferro eléctricos a sulcar vastas regiões mal servidas de transportes. Em algumas dezenas de anos, com efeito, Portugal pode ser e deverá ser um grande país industrial.

Os inconformistas venceram. São eles afinal os que vencem sempre, porque a sua inadaptação ao conservantismo estagnado dos que nada fazem, foi sempre a principal alavanca do progresso em todos os países e em todos os sectores.

Se quisermos, se o capital começar a compreender os seus deveres sociais, e o Estado souber orientar e disciplinar o esforço e a boa vontade dos homens de iniciativa, o enriquecimento da Nação será um facto bastante consolador para quantos se preocupam com a solução dos gravíssimos problemas sociais que nos afligem.

Bem hajam pois, os inconformistas.

Surge-nos porém agora um problema novo, que já é aliás um problema velho, sem cuja resolução não seremos capazes de vencer. E' o problema da aprendizagem. O problema do ensino técnico.

Por via de regra, a aprendizagem faz-se apenas por imitação. O aprendiz vê o que faz o operário mais velho, ou o meio-oficial, imita-lhe os gestos, ouve os «indispensáveis» palavras e, passados anos, fica tão «aperfeiçoado» como os outros que aprenderam da mesma maneira e não tiveram nunca quem lhes ensinasse a boa técnica. Não falta engenho nem habilidade, nem inteligência no operário português. A gente chega a pasmar como alguns deles têm conseguido triunfar pelo seu espírito inventivo e adaptável às mais difíceis tarefas. Mas não basta a boa vontade para possuímos bons operários capazes de produzir em condições de concorrência técnica e económica com a indústria estrangeira. Os nossos

operários são dignos de que se olhe para a sua aprendizagem com aquele carinho e atenção que merecem as suas naturais qualidades e o mesmo interesse nacional.

O que se passa com o ensino técnico tem de ser definitivamente remediado. Ordinariamente o professor da Escola Técnica é professor... por acréscimo, ou por necessidade económica da família. A sua vida profissional e diferente, os seus interesses também são diferentes. Cansado de um dia de trabalho, como poderá ter pelo ensino aquele interesse e vagar que o bem nacional reclama? Os melhores professores, dada a pequena remuneração do ensino técnico, não se sujeitam nem aos horários das aulas, nem ao ambiente. E assim não temos um ensino que prepare bons profissionais. A reforma a operar neste sector tem de ser profundamente revolucionária, a fim de se não falhar na preparação da mão de obra que o desenvolvimento industrial, dentro em breve, vai absorver.

Também neste campo temos observado a acção impulsionadora dos inconformistas, mas não nos parece que tenham já obtido a formação daquele ambiente psicológico necessário para tornar possível a audácia reformadora que se impõe. Que continuem a agitar o problema, a exigir mais e melhor, a compelir os responsáveis a ir sempre mais além!

Os inconformistas talvez sejam incómodos, talvez se tornem, por vezes, pouco menos que indesejáveis. Mas aí de nós se eles se calarem e se se tornarem conformistas como os outros. Poderíamos então dizer para sempre adeus a um maior engrandecimento nacional e à esperança de ver desaparecer um dia desta terra a miséria que a degrada, a fome que a depauperava, a tristeza que a tortura e todo esse cortejo de homens inferiores e diminuídos que já nem sabem reagir nem serão capazes de vencer.

ABEL VARZIM